



SOL SANGRENTO: A VIOLÊNCIA NO HORIZONTE MÉDIO ANDINO (800-1000 D. C.)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3655

Fortunato Pastore, UFMS

Resumo

Inicia-se a discussão com uma abordagem geral e conceitual sobre a questão da Violência e dos estudos históricos sobre a mesma. Além dessa introdução genérica, o foco desloca-se para as duas “culturas” altamente complexas que se defrontaram no altiplano andino durante o período arqueologicamente definido como Horizonte Médio (800-1000 d. C.): Huari e Tiahuanaco, sobretudo esta. Através de análises comparativas e de uma ampla e atualizada revisão bibliográfica pretende-se apresentar as relações entre elas. As duas culturas tiveram somente uma fronteira comum, o vale do rio Moquegua, e ele será profundamente estudado no tocante ao nível de interação: pacífico, conflituoso, competitivo ou de coexistência complementar. Como a civilização de Tiahuanaco abrangia uma grande área (600 mil quilômetros quadrados com mais de um milhão de habitantes) e tinha um caráter multiétnico e polilinguístico, espera-se uma política marcada pela luta contra processos separatistas e/ou descentralização. Havia, igualmente, práticas religiosas baseadas em sacrifício humano e lutas ritualizadas de fertilidade (as *Tinkus*) com elevado grau de violência. Portanto, uma das conclusões do trabalho é de que houve um grau maior de violência intra-grupo do que extra-grupo em Tiahuanaco. Mesmo assim, os conflitos, sejam revoltas e repressões no interior do controle tiahuanacano ou ações contra entidades políticas autônomas, como Huari, foram menores do que o esperado, demonstrando uma grande capacidade destas culturas em estabelecerem mecanismos menos agressivos de convivência.

Palavras Chave:

Violência; Tiahuanaco;
Huari; Horizonte Médio.

Táticas militares são como água corrente. A água corrente sempre se move de cima para baixo, evita o terreno alto e flui para o terreno baixo. Assim, são as táticas militares, sempre evitam os pontos fortes do inimigo e atacam os seus pontos fracos. Assim como o rio altera o seu curso de acordo com os acidentes do terreno, o exército varia seus métodos de obter a vitória de acordo com o inimigo. Portanto, o modo de lutar nunca permanece constante, assim como a água nunca flui da mesma maneira. (SUN TZU, 2004: 90-91).

Introdução/Justificativa

Antes dos Incas construírem o seu império, a região central dos Andes conheceu uma grande potência chamada Tiahuanaco (também escrita Tiwanaku). O centro cívico-cerimonial do mesmo nome foi a sede de uma fulgurante civilização que dominou o ambiente andino meridional (basicamente, o altiplano boliviano-peruano ou a meseta de Collao) entre os séculos VII e XI, período temporal definido pelos arqueólogos como “Horizonte Médio” e “Intermédio Tardio”, este a partir do ano 900. A cultura de Tiahuanaco, sobretudo a sua força religiosa, penetrou e influenciou as regiões do extremo norte do Chile e do noroeste da Argentina.

Contudo, ao contrário dos incas, Tiahuanaco é muito pouco estudado ou sequer referido pelos pesquisadores brasileiros. Uma primeira justificativa para a montagem deste trabalho está, justamente, nisso; suprir, minimamente, essa deficiência. Outro ponto relevante trata-se da pequena abordagem, no país, das questões relacionadas à violência ou à temática militar dos antigos povos

andinos, mormente, os pré-incaicos.

Um dos maiores problemas que um historiador interessado no tema tiahuanacano depara-se é, exatamente, a falta de fontes e de documentação escrita, uma vez que a cultura andina não tinha escrita como conhecida convencionalmente¹. Logo, as “fontes” são evidências arqueológicas, estudos étnicos-antropológicos e elementos iconográficos.

Os arqueólogos encontraram vestígios de cinco substratos no local do centro tiahuanacano (KOLATA, 2003; e PONCE SANGINÉS, 1995)², o que equivale dizer que existiram cinco configurações urbanas diferentes no mesmo lugar, porém em momentos distintos. O nome original da primeira capital de Tiahuanaco, de onde o lendário chefe Huyustus guiava o seu povo, seria *Chucara*, “Casa do Sol” (na língua puquina, segundo ANELLO OLIVA, 1998 [1631]: 60) ou *Taypikala*, “Pedra no Meio” (em aimará, segundo COBO, 1990 [1653]: 100).

Nas crônicas, muitas vezes, aparece grifado como *Tiáguanaco* ou *Tiguanaco*, porém o termo mais comum é Tiahuanaco, significando em aimará “Lugar das Pedras Paradas” segundo Federico Diez de Medina (LEWIS, 2005: 35) e é assim que será tratado aqui. O uso de mais de um idioma justifica-se pelo fato de Tiahuanaco ter sido, segundo Ponce, uma cultura multiétnica e plurilinguística, pois ali se falava o aimará, o quéchua, o uru e o puquina, sendo o primeiro destes o dominante (PONCE SANGINÉS, 1995).

Objetivos

Um item muito discutido sobre a Civilização/Estado de Tiahuanaco é se ela

¹ Os cordões de contagem, *Quipús*, provavelmente também serviam como instrumentos de escrita, mas infelizmente, eles ainda não conseguiram ser decifrados.

² Toda vez que a referência não indicar a página, significa que a informação citada encontra-se em várias passagens da obra ou, ainda, que se trata da ideia geral do trabalho ou do autor, o que geralmente aconteceu aqui.

promoveu e depois exerceu um domínio militar na região, como vieram a fazer os incas posteriormente. As relações, pacíficas ou não, com a “cultura” *Wari* (ou *Huari*), do sudeste do Peru, entram igualmente no âmbito desta polêmica (GOLDSTEIN, 2005 e ISBELL e KAULICKE, 2001).

Figura 1: Mapa das áreas das “Culturas” de Tiwanaku (Tiahuanaco) e de Wari (ou Huari).



Fonte: (GOLDSTEIN, 2013: 42).

Dois objetivos permeiam essa apresentação: demonstrar a capacidade e potencialidade militar de Tiahuanaco e acrescentar mais um ponto de discussão sobre a ação estratégica de Tiahuanaco na montagem das suas colônias, no seu processo expansivo e na forma como ela conformava a sua atuação militar.

O primeiro objetivo justifica-se pelo fato de que muitos estudiosos defendem a ideia de uma Tiahuanaco desmilitarizada e configurando um expansionismo pacífico, apenas baseado na sua influência cultural e religiosa. Inclusive, existe pouca ou nenhuma evidência de violência ou de guerra no registro arqueológico e bioarqueológico (BLOM et al., 1998 e GOLDSTEIN, 2005), mesmo no vale do rio Moquegua, sul do Peru, a única área de contato entre as “potências” da época (Huari e Tiahuanaco).

Quanto à segunda pretensão, coloca-se aqui a ideia de que Tiahuanaco

utilizava-se de uma prática política de poder fundada na ideia Sun Tzuniana de Estratégia Indireta como foi definida a prática do sábio militar chinês do século V a. C. pelo teórico militar Basil Henry Liddell-Hart. Hart, que tinha vivido, como capitão de infantaria do exército britânico, a carnificina dos ataques diretos de trincheiras da Primeira Guerra Mundial, criou a expressão, na esteira de Sun Tzu, em oposição aos ensinamentos de Carl von Clausewitz – para Hart o mentor da Estratégia Direta.

Descrições de Tiahuanaco

Tiahuanaco está localizada nas terras altas, 3.850 metros acima do nível do mar, e distante setenta e dois quilômetros da capital administrativa da Bolívia, La Paz e vinte quilômetros ao sul do lago Titicaca. Muito do que conhecemos hoje sobre Tiahuanaco deve-se ao trabalho de inúmeros arqueólogos, entre eles Carlos Ponce Sanginés e Alan Kolata, que durante dois séculos levantaram as características de Tiahuanaco como um grande centro urbano (por exemplo, ALBARRACÍN-JORDÁN, 1996; JANUSEK, 2004; KOLATA, 2003 e PONCE SANGINÉS, 1995).

Durante seu auge no “Horizonte Médio”, Tiahuanaco foi a maior cidade da América do Sul, com uma área de cinco ou seis quilômetros quadrados, onde residiam trinta ou quarenta mil pessoas. Elas viviam ao redor do núcleo interno, composto por templos, praças e palácios reais. Uma das principais representações monumentais da cidade é a pirâmide de *Akapana* (“Redemoinho” ou “Pequeno Furação”), com forma de meia *Chakana* (Cruz Andina) e que tinha quase dezoito metros de altura (VRANICH, 2001). Esta área básica de complexos monumentais estava cercada por unidades residenciais construídas com materiais mais perecíveis, geralmente adobe, e que formavam a maioria dos edifícios na cidade.

A cultura de Tiahuanaco

elaborou, além da arquitetura monumental, uma escultura lítica gigante e complexamente iconográfica, como os grifos marcados nos Portais do Sol e da Lua e os monólitos conhecidos hoje como Bennett, Ponce, Fraire etc.. Também se destacou pela produção têxtil estilizada e ricamente decorada. A cerâmica e pequenos produtos artesanais em madeira, osso e metais (ouro, prata, cobre e bronze, cuja metalurgia eles foram os inventores no cone sul) aparecem em vários pontos da região central do continente, demonstrando quão ampla e influente foram a economia e a religião tiahuanacas.

Atualmente, apenas 8% do que foram as construções de Tiahuanaco podem ser observadas, isto é, restaram somente ruínas. Séculos de depredação, saques e descaso público e privado destruíram o que pode ter sido a mais impressionante sede cultural e religiosa pré-incaica. Em solo boliviano isto é certeza. As ruínas de Tiahuanaco, mesmo assim, são fascinantes e em estágios menos degradados ou, então, no auge da sua potência, as construções deveriam impactar positivamente quem as visse.

Discussão Teórica

Conforme adiantado no tópico dos objetivos, uma das ideias centrais desse trabalho é apresentar Tiahuanaco como criadora da Estratégia Indireta na região andina. Uma definição desta estratégia (além da epígrafe de Sun Tzu) pode ser vista nesta citação de Liddell-Hart:

(...) através dos tempos, só foram obtidos resultados nas guerras, com raras exceções, quando a operação foi realizada de maneira tão indireta que o adversário não estava em condições de enfrentá-la. Essa ação indireta refere-se usualmente ao campo físico, porém, em todos os casos, ao psicológico. Na estratégia nem sempre a linha reta é o caminho mais curto entre dois

pontos. Tornou-se cada vez mais claro que a ação direta contra um objetivo mental, ou objetivo físico, realizada segundo "a linha de ação" esperada pelo inimigo, é fadada a produzir resultados negativos (...). O êxito de tal método só se torna possível quando se dispõe de enorme superioridade de força que, mesmo assim, tende a perder progressivamente seu efeito decisivo. Na maioria das campanhas o desequilíbrio psicofísico do adversário tem sido a ação vital na tentativa de derrotá-lo (HART, 1967: 28).

Hart posiciona-se contrário aos corolários do "Filósofo da Guerra", Clausewitz, cuja obra, "*Da Guerra*", lançada após sua morte, em 1830, define, sumariamente, que a estratégia era "a utilização do recontra [batalha] para atingir a finalidade da guerra" (CLAUSEWITZ, 1996: 171). Para Clausewitz, o mais importante em um conflito é o uso efetivo da força bruta, a agressão à integridade física do oponente ou a sua aniquilação. Segundo ele, "a guerra é um ato de força destinado a dobrar o inimigo à nossa vontade" (CLAUSEWITZ, 1996: 83).

Já Liddell Hart acredita que se pode conseguir êxito através do combate direto, mas considera que é a combinação entre o direto e o indireto que torna a vitória provável. Segundo ele:

As afirmações que se seguem podem ser contestadas por todos aqueles que admitem que a destruição da força inimiga é o único objetivo real da guerra, por todos que sustentam ser a batalha o único objetivo da estratégia ou por aqueles que estão obcecados pelas palavras de Clausewitz de que "O sangue é o preço da vitória." Mas, mesmo admitindo tudo que dizem como verdadeiro, enfrentando assim os defensores dessas ideias em seu próprio campo, a afirmação feita ainda é verdadeira porque, mesmo que a batalha decisiva seja o

objetivo primordial, a finalidade da estratégia é fazer que essa batalha seja travada nas condições mais vantajosas possíveis, e quanto mais vantajosas forem essas condições tanto menor será a luta. A estratégia ideal seria, então, aquela que produzisse uma decisão sem a necessidade de grandes combates (HART, 1967: 410).

Outros potentados andinos, inclusive os incas, possuíam uma postura bastante enaltecida dos feitos guerreiros e isso aparece muito mais nas evidências arqueológicas e iconográficas do que em Tiahuanaco. Tal fato deve ter ocorrido, entretanto, não porque Tiahuanaco não tivesse o *ethos* guerreiro, mas devido a sua escolha em praticar uma estratégia indireta e menos ostensiva. No nosso entendimento a estratégia que mais se mostra adequada à estrutura sócio-política e econômica de Tiahuanaco é exatamente esta.

Em outros termos: Os sistemas aimarás foram organizados dentro de uma amálgama complexa de estruturas corporativas e de grupos sociais, e o *Ayllu* era dividido dentro dessa estrutura em dois grupos: uma nobreza superior (*Urcusuyu* ou *Anansaya*, em quéchua) que tinha acesso a propriedade privada e direitos herdáveis à terra e ao trabalho livre e um grupo subalterno (*Unasuyu* ou *Urinsaya*, em quéchua), ao qual a maioria dos membros do *Ayllu* pertencia (PLATT, 2010).

Na cosmovisão aimará e, no geral, dos Andes Centrais, o Universo está constituído de combinações binárias antagonicas, mas, necessariamente, complementares. Nessa visão dialética das coisas, o ser, que se reflete no não-ser, somente pode existir, natural e plenamente, na ligação simbiótica e complementar com o seu oposto correspondente.

Por outras palavras, as dualidades água-fogo, Sol-Lua, céu-terra, masculino-feminino e, igualmente, guerra-

paz são entendidos como um só *Continuum*, sendo cada elemento do par uma entidade específica, mas que compõe com o outro elemento da parilha uma mesma Natureza.

Um exemplo concreto desta relação é o caso das vítimas de sacrifícios, sejam animais ou seres humanos (neste caso, eram, geralmente, prisioneiros de guerra). O sacrifício não era visto como um ato brutal de força e muito menos um assassinato, mas o de uma oferenda aos deuses ou às forças cósmicas para manter o ritmo regular e ordeiro dos elementos da Natureza. O sangue vertido era uma troca simbólica com a água, divinamente recebida, para as atividades agrícolas.

Contudo, entender a violência como elemento natural e organizador das relações sociais, não significa aprovar qualquer tipo de violência ou de deixá-la sem limites. Ao contrário, a força deveria ser canalizada para evitar choques desmesuradamente violentos, indesejáveis social e politicamente. Esta é uma das funções das batalhas ritualizadas, tão comuns no mundo andino, os *Tinkus* (ARKUSH, 2005: 04).

Geralmente organizados para direcionar os rancores acumulados nas tensas relações entre *Urcusuyus* e *Unasuyus*, os *Tinkus* serviam como uma terapia coletiva de choque, literalmente falando, na qual o sangue corria e vários ferimentos e mortes aconteciam. Como estes encontros rituais intra-grupos eram (ou deveriam ser) mais comuns que as batalhas extra-grupo (*Ch'ajwa*), forçosamente, o número de baixas (mortos e feridos) sempre foi maior dentro do próprio ambiente Tihuancano do que nos confrontos com os seus inimigos externos.

Para compensar os “sacrifícios” efetuados nestes encontros sangrentos, a elite promovia verdadeiras festas de comensalismo público, alicerces dos Estados Andinos Centrais, ainda mais necessários em uma estrutura segmentar e heterarquica do sistema de Tiahuanaco,

multicultural e poli-linguístico.

Um estudo de caso: O vale do Moquegua

Dois dos maiores estudiosos dos estabelecimentos Huari e Tiahuanaco em Moquegua são, respectivamente, Patrick Williams e Paul Goldstein. Eles estabeleceram um acirrado debate sobre as projeções coloniais na região e permitem não somente visualizar um caso concreto de fricção entre as duas potências, como sintetizaram, exemplarmente, as políticas e estratégias envolvidas.

Começaremos com Williams, o especialista Huari:

Moquegua é a única região em todos os Andes conhecidos até à data que tem assentamentos significativos de Tiwanaku e Wari, os dois Estados predominantes do Horizonte Médio (MOSELEY et al., 1991). Wari é representada pelo assentamento em Cerro Baúl localizado no vale superior do Moquegua (MOSELEY et al., 2005; NASH e WILLIAMS, 2005). Tiwanaku teve assentamentos para cima e para baixo do vale com uma grande concentração de população ao redor do conglomerado local de Omo, localizado no meio do vale Moquegua, abaixo da cidade de Moquegua. Se os dois Estados foram concorrentes, então eles não conseguiram se desalojar durante vários séculos neste vale. Se eles foram aliados ou cooperados, eles conseguiram manter um acordo conjunto somente em uma área de todo os Andes. Se, como a mais complexa interação de políticas de pares na história, eles alternaram entre serem inimigos, aliados e neutros, dependendo da situação política do momento, então eles mantiveram uma separação de assentamentos rigorosos por séculos, tanto em nível do vale como a nível local. O que é claro é que Moquegua foi considerada uma zona de recursos muito importante

para ambas às políticas durante séculos. O complexo Tiwanaku de Omo tem todas as características de uma colônia (WILLIAMS et al., 2010: 526-528).

Acreditamos que a terceira hipótese de Williams sobre as relações entre Tiahuanaco e Huari (de alternância de momentos entre aliança e conflito) é a mais plausível das possibilidades de interação entre as duas civilizações em Moquegua.

Williams, também, postula que o fato de Huari ter um Estado mais forte, centralizado e militarizado que Tiahuanaco favoreceu as suas ações no vale, sobretudo ao planejar a instalação de fortalezas (*pukarás*) no topo do vale, controlando as nascentes dos rios e dominando visualmente a paisagem.

Goldstein, por sua vez, contrapõe colocando a descentralização de Tiahuanaco como o seu ponto mais forte e não a sua fraqueza.

Somente com a soma de tais agências podemos entender a civilização de Tiwanaku como um conjunto de identidades compartilhadas que cruzaram a terra-mãe e a periferia de Tiwanaku. Alguns podem argumentar que a diversidade interna de Tiwanaku marca o faccionalismo e, portanto, um estado primitivo ou fraco, e que a centralização unitária e a administração hierárquica, como as que às vezes são propostas por Wari, são as verdadeiras marcas do poder estatal. Eu discordo. Um Estado que é pluralista e heterarquico ainda é um Estado, e a soma das comunidades corporativas de Tiwanaku igualou um poder regional de pleno direito, com um controle extraordinariamente duradouro da imaginação andina. A dominação de Tiwanaku nos Andes do Sul por grandes colônias transregionais em Moquegua e pela aculturação em massa de culturas locais para a cultura Tiwanaku em Azapa e Cochabamba é indiscutível.

A colonização de Tiwanaku deixou um impacto muito mais duradouro do que a influência ampla mas superficial de pequenas colônias de Wari que tentaram construir o colonialismo nas costas dos povos indígenas e, finalmente, desapareceram nas populações que tentaram dominar (GOLDSTEIN, 2013: 59).

Ao reforçar as ideias de que Tiahuanaco era um Estado Segmentar e Heterarquico, Paul Goldstein, alinha-se com pensadores da lógica Aimará de opostos complementares como, por exemplo, Juan Albarracín-Jordán (1996) e Tristan Platt (2010). A conclusão que Goldstein dá ao embate não poderia ser mais dramaticamente barroca:

A prova da adequação da rota confederativa e demográfica de Tiwanaku à expansão do Estado foi seu domínio popular de quatro séculos sobre os Andes do centro-sul, uma hegemonia cultural que promoveu a etnogênese das culturas locais, mesmo depois de a unidade política do Estado de Tiwanaku tivesse secado. Para a expansão de Tiwanaku, o pluralismo simplesmente funcionou melhor do que a expansão politicamente monolítica - um fenômeno "popular" nos dois sentidos da palavra. Os colonizadores de Tiwanaku sempre encontraram sua força dentro, confederando um caleidoscópio de comunidades transgênicas em uma civilização poderosa e duradoura. Tiwanaku sempre foi mais do que a soma de suas partes (GOLDSTEIN, 2013: 59).

No final do período de ocupação colonial no vale, a esplendorosa fortaleza Huari de Cerro Baúl foi sendo, lenta e inexoravelmente, cercada por estabelecimentos tiahuanacos (Chen, Omo, Cerro Echenique e outros sítios menores) em um processo tão semelhante ao descrito por Sun Tzu e Liddell-Hart que não parece absurdo relacionar a ação

de longo prazo de Tiwanaku no vale com a ideia de Estratégia Indireta.

Resultados

Quatro classes de indicadores são comumente aceitos em arqueologia para inferir a existência de guerras, a saber, sistemas de assentamento defensivos, sinais de traumas em corpos, artefatos vinculados ao combate e iconografia (NIELSEN, 2015: 01).

Todos eles já foram encontrados na Tiahuanaco clássica, com destaque para as pontas de projeteis tipo Tiwanaku 4E (HU, 2016: 84-85), elaboradas claramente para matar em combate, uma vez que as suas pontas serrilhadas e as aletas dificultam a extração da seta, provocando muito sangramento ao retirá-la ou infecção se ela não for retirada. Isto as diferencia das outras setas da região (5D), de pontas arredondas e sem aletas, que poderiam ser facilmente retiradas da ferida, evidenciando o uso prioritário para a caça (e secundariamente para o combate), já que facilita o descarte da presa e provoca menos danos no animal. Os sistemas de assentamentos com características militares são os estabelecimentos de Omo, Chen e cerro Echenique próximos às nascentes do rio Moquegua.

Quanto aos traumas corporais, foram encontrados três cabeças troféus de um local de Tiwanaku no lado leste do Lago Titicaca (BLOM et al., 1998) e restos de esqueletos nas áreas da pirâmide de Akapana, em Akapana East e no monte Mollo Kontu, que mostram evidências de violência ritual, não interpessoal (JANUSEK, 2004). Estes cadáveres foram encontrados com as mãos amarradas para trás, evidenciando, claramente, ações sacrificiais.

Além disso, metade das múmias encontradas no cemitério Coyo Oriental em San Pedro de Atacama, oriundas de Tiahuanaco e datados no Horizonte Médio, mostraram sinais graves de

violência corporal, sobretudo nas faces, local muito afetado pelos encontros intra-grupos, os *Tinkus* (GIESSO, 2010: 28).

Um elemento muito comum na iconografia de Tiahuanaco é a figura “El Sacrificador”, que representa um ser (Guerreiro? Sacerdote? Ou, como propõem John Topic e Theresa Topic, um guerreiro-xamã – TOPIC, 1997: 572)³ com uma machadinha em uma mão e uma cabeça decepada na outra. O próprio Portal do Sol, figura máxima da iconografia tiahuanaca, apresenta, ladeando o Deus central - a “Divindade dos Dois Bastões” – quarenta e oito seres alados portando armas (lanças ou dardos de arremesso).

As asas podem ser adornos artificiais, uma vez que os guerreiros em toda a América pré-colonial as usavam para incorporar a força e a energia dos animais que eles travestiam. Eles não somente se parecem com figuras de guerreiros, como também aparentam estar montando uma formação de combate com dois grupos de vinte e quatro homens, por sua vez, subdivididos em três equipes de oito indivíduos.

Assim, os quatro pontos apresentados na epígrafe de Nielsen foram cobertos, respondendo ao primeiro dos nossos objetivos pretendidos, sendo que os resultados do segundo (o da *Estratégia Indireta*) já foram apresentados no item da Discussão Teórica. Concluindo este tópico, Martín Giesso não possui dúvidas quanto ao quadro geral da belicosidade em Tiahuanaco:

As evidências de produção padronizada de armas no sítio

³ Ousando muito, podemos imaginar que estes guerreiros-xamãs usassem alucinógenos como a *Anadenanthera Colubrina (Cebil)*, muito comum na região de Tiahuanaco da época. Inúmeras tábuas de inalação foram encontradas por toda a área de influência de Tiahuanaco (MARTINEZ, 1987). Assim, se tornariam combatentes sobrenaturais, parecendo os animais que simbolizavam. A utilização de uma tropa de elite assim formada também seria um aspecto a mais de uma

urbano de Tiwanaku e de atividades violentas em diferentes períodos e áreas dos Andes centrais sugerem que a sociedade Tiwanaku participou em atividades bélicas depois de 600 A.D. Estas atividades podem estar relacionadas com a expansão estatal e com conflitos internos (GIESSO, 2010: 30).

Afinal, seria ingenuidade acreditar que um Estado poderoso e hegemônico por tantos séculos na área dos Andes pudesse existir sem um refinado instrumento militar, mesmo que este aparato bélico não fosse tão potente e assustador como o dos incas meio milênio depois, todavia ele possuía muitas vantagens além da questão meramente guerreira e uma delas foi, é o postulado axial deste escrito, uma visão estratégica que sabia melhor adequar os meios existentes aos fins objetivados, propiciando um ambiente menos agressivo e letal na região andina.

Considerações Finais.

Um aspecto pretendido aqui foi o de realizar uma abordagem, ainda que sumária, das temáticas e das discussões já arroladas pela historiografia sobre Tiahuanaco. Neste sentido, uma passagem pelas obras mais recentes ou mais relevantes sobre o assunto foi, igualmente, efetuada. As obras citadas não estão restritas, apenas, ao campo histórico, mas inserem-se em uma abordagem mais multidisciplinar, com trabalhos de antropologia, arqueologia, etnologia, linguística, religião e arquitetura.

Outra das intenções deste escrito, e não menos importante, é a de

Estratégia Indireta, uma vez que o temor provocado por estes guerreiros inibiria ações inimigas, diminuindo a necessidade de confrontos mais frequentes e sangrentos. As tábuas de inalação de alucinógenos eram encimadas por figuras zoomórficas de aves e grandes felinos predadores. A figura do “El Sacrificador” também aparecia costumeiramente, fortalecendo a ideia de uma vinculação da atividade guerreira com a prática do xamanismo.

chamar atenção para um período/civilização pouco abordados no Brasil. Os estudos andinos estão muito concentrados no período/cultura inca ou, quando eles recuam no tempo, é para abordarem culturas “peruanas” (situadas no atual território do país Peru) e muito antigas, como Chavín de Huantar ou Caral-Supe (que está chamando mais atenção por ser a descoberta mais recente na área e por ser a mais antiga civilização da América do Sul).

Por fim, em guisa de epílogo, na noção dialética aimará de Universo, a Violência não existe por si mesma e nem é um mal intrínseco. Ela deve ser controlada e utilizada com parcimônia, afinal o “Sangue da Vitória” é, dual e ritualisticamente, a “Água da Vida”.

Referências

- ALBARRACÍN-JORDÁN, Juan V. **Tiwanaku: Arqueología Regional y Dinámica Segmentaria**. La Paz: Plural, 1996.
- ANELLO OLIVA, Giovanni. **Historia del reino y provincias del Perú y vidas de los varones insignes de la Compañía de Jesús**. Lima: PUC do Peru, 1998 [1631].
- ARKUSH, Elizabeth e STANISH, Charles. *Interpreting Conflict in the Ancient Andes*.
- Current Anthropology**, Chicago, v. 46, n. 1, p. 03-28, 2005.
- BLOM, D.; e WILLIAMS, P. The Nature of Wari Militarism at Cerro Baul. **Society of American Archaeology**, Seattle, WA, n. 63, p. 127-159, 1998.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COBO, B. **Inca Religion and Customs**. Austin: Univ. Texas Press, 1990 [1653].
- GIESSO, Martín. **La producción de instrumental lítico en Tiwanaku**. Oxford: BAR International Series, 2010.
- GOLDSTEIN, Paul S. **Andean Diaspora: The Tiwanaku Colonies and the Origins of Andean Empire**. Gainesville: University Press of Florida, 2005.
- GOLDSTEIN, P. Tiwanaku and Wari state expansion. In: STANISH, C. e VRANICH, A. **Visions of Tiwanaku**. LA, Cotsen Institute of Archaeology Press, 2013, p. 41-63.
- HART, H. B. Liddell. **As Grandes Guerras da História**. São Paulo: IBRASA, 1967.
- HU, Di. War or Peace? Assessing the rise of the Tiwanaku state through Projectile-point analysis. **Lithics**, Londres, v. 37, p. 84-85, 2016.
- ISBELL, William H. & KAULICKE, Peter (Editores). **Huari y Tiwanaku: Modelos vs. Evidencias**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2001.
- JANUSEK, John Wayne. **Identity and Power in the Ancient Andes: Tiwanaku Cities through Time**. Nova Iorque: Routledge, 2004.
- KOLATA, Al. (Ed.). **Tiwanaku and Its Hinterland: Archaeology and Paleoecology of an Andean Civilization**. Washington DC: Smithsonian Institution Press, 2003.
- LEWIS, Roy Querejazu. **El Mundo Arqueológico del Cnl. Federico Diez de Medina**. La Paz: Rolando Diez de Medina, 2005.
- MARTINEZ, Agustín Llagostera (Ed.). **Tesoros de San Pedro de Atacama**. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino, 1987.
- NIELSEN, Axiel E. El estudio de la guerra en la arqueología surandina. **Corpus**, Mendoza, v. 5, n. 1, p. 01-09, 2015.
- PLATT, Tristan. Desde la Perspectiva de la Isla. Guerra y Transformación en un Archipiélago Vertical Andino: Macha (Norte de Potosí, Bolivia). **Chungara, Revista de Antropología Chilena**, Arica, v. 42, n. 1, p. 297-324, 2010.
- PONCE SANGINÉS, Carlos. **Tiwanaku: 200 años de investigaciones arqueológicas**. La Paz: Producciones CIMA, 1995.
- SUN-TZU. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [Século V a. C.].
- TOPIC, J. e TOPIC, T. Hacia una comprensión conceptual de la guerra andina. In: VARON GABAI, R. **Arqueología, antropología e historia en los Andes: Homenaje a Maria Rostworowski**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1997, p. 567-595.
- VRANICH, Alexei. La Pirámide de Akapana: reconsiderando el centro monumental de Tiwanaku. **Boletín de Arqueología PUC del Perú**, Lima, n. 5, p. 295-308, 2001.
- WILLIAMS, P. R., VINING, B., STANISH, C., MOSELEY, M., LAFAVRE, K., DE LA VEGA, E. e CHÁVEZ JR., C. Tiwanaku Trade Patterns in Southern Peru. **Journal of Anthropological Archaeology**, Lansing/Michigan, v. 29, p. 524-532, 2010.